

## **Espelho, espelho meu...: representação feminina e *re-design* das princesas dos filmes da Disney<sup>1</sup>**

Isabel Cristina Marlasca Fernandes LIMA<sup>2</sup>

Amanda Almeida ANTUNES<sup>3</sup>

Cláudia da Silva PEREIRA<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

### **Resumo**

Este artigo pretende explorar as mudanças da representação feminina nos filmes de animação da Disney, principalmente naqueles protagonizados por princesas, e propor o *re-design* de algumas personagens clássicas. Para tanto, são tomados como base teórica os estudos de Serge Mocovici (2011) e Denise Jodelet (2001) sobre as teorias das representações sociais. Além disso, apresenta uma pesquisa exploratória qualitativa, realizada com dois grupos de discussão formados por meninas adolescentes com e sem alguma proximidade com o movimento feminista. Como resultado, é possível inferir que há uma ressignificação do feminino, envolvendo não somente as narrativas, mas também a composição das personagens<sup>5</sup>.

### **Palavras-chave**

Representações sociais; princesas; feminino; gênero.

### **Introdução**

As representações do feminino vêm ganhando grande destaque em tempos recentes. A indústria cultural acostumada com uma retratação que, segundo Luciana Varga Rodrigues (2005), “pasteuriza” a mulher, criando um modelo que espera ser seguido física e comportamentalmente, é obrigada a adaptar suas personagens e narrativas a um novo público. Um público mais crítico que não se vê mais representado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, recém-formado no curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e-mail: isabelmarlasca@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora do curso de Comunicação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), doutora e mestre pelo programa de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e-mail: amandaantunesrj@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ – Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil, e-mail: claudiapereira@puc-rio.br.

<sup>5</sup> Este artigo é parte resumida do Trabalho de Conclusão de Curso da autora, intitulado “Livres estão: um estudo sobre a representação feminina nos filmes de princesa da Disney e a releitura de suas personagens clássicas”, entregue e aprovado em junho de 2017, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob orientação da coautora e orientadora.

---

por figuras femininas frágeis, ingênuas e submissas ao homem. Essa mudança está, de acordo com Pierre Bourdieu:

[...] sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar. (BOURDIEU, 2012, p.106)

Tal transformação, observada por Bourdieu, é um dos motores para os questionamentos dos filmes de princesas da Disney, afinal, uma sociedade que rejeita o senso comum da prevalência masculina, discute os papéis que ocupam personagens homens e mulheres nos tradicionais filmes: A Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e A Bela Adormecida (1959). Estas protagonistas, as primeiras personagens de sucesso mundial desse gênero, estabeleceram o ideal da princesa como uma mulher bonita, e passiva, em contraste com a figura masculina, “o príncipe”, que, por esbanjar bravura, se transforma no herói do filme, o catalisador do desfecho, a razão para o, tão famoso, “felizes para sempre”.

Ser feminina, nesses filmes, significa se apoiar na espera pelo par romântico, pelo salvador, ao invés de buscar por seus desejos e resolver seus próprios problemas. Sabe-se que as personagens se fundamentam em um contexto histórico que não pode ser ignorado nas observações contemporâneas. A Branca de Neve de 1937 reflete, portanto, a consciência social da década de 1930 em que o trabalho feminino se resumia ao ambiente doméstico, como afirma Carlos Bauer (2001) ao associar a concepção de feminilidade à família, associação que, segundo ele, conservou-se por grande parcela do século XX.

No entanto, apesar de espelhar uma conjuntura histórica do passado, essas personagens ainda estão bastante presentes para muitas crianças e adolescentes (principalmente em produtos “complementares” aos filmes como roupas, acessórios e bonecas). Diante de uma maior problematização de questões de gênero e difusão de discursos feministas, como meninas adolescentes analisam, interagem e compreendem os filmes de animação da Disney, especialmente os protagonizados por princesas, suas mudanças ao longo dos anos e a figura da mulher nessas obras? Tendo este

questionamento como ponto de partida e inquietação de pesquisa, o objetivo deste artigo é propor uma reflexão sobre as mudanças da representação da mulher nos filmes com princesas e a reformulação do *design* - recomposição da aparência - de algumas personagens clássicas dessas obras. Buscamos, com isso, compreender a percepção de meninas adolescentes, que assistiram e consumiram muitos desses produtos na infância - e ainda o fazem -, sobre a representação feminina nos filmes, sua transição e as modificações que essas personagens sofreriam se fossem criadas atualmente.

A metodologia usada como guia para este artigo é composta, primeiramente, por uma abordagem teórica relativa a representações sociais e construção social do comportamento e da estética feminina que aclimatam o cenário da segunda parte, uma pesquisa com dois grupos de discussão formados por meninas adolescentes entre 14 e 17 anos, totalizando 7 entrevistadas, estudantes do ensino-médio e moradoras do Rio de Janeiro. Os grupos foram divididos em: meninas sem prévia participação no movimento feminista e que já tenham assistido aos filmes de animação da Disney protagonizados por personagens femininas e meninas que já são, de alguma maneira, ligadas ao movimento feminista ou “autodeclaradas” feministas com conhecimentos das personagens citadas anteriormente. Espera-se, com a fala dessas jovens, entender sua interpretação sobre a representação do feminino nos filmes da Disney, as características físicas e comportamentais que poderiam considerar as personagens como estereotipadas (se consideradas estereotipadas), além das características que rompem com esse padrão, procurando traçar novas personagens como se fossem criadas na época atual.

### **As representações sociais e as (re)produções de princesas**

A palavra representar vem do verbo latino *repraesentare* e significa, segundo o *The Shorter Oxford English Dictionary* (HALL, 1997, p.16) “descrever, fazer semelhança, resgatar a imaginação ou substituir”. Para Stuart Hall (1997), representar é conectar significado à linguagem e à cultura. É usar a linguagem para fazer a produção de sentido sobre algo para as outras pessoas. Em menção a Althusser, Hall (2003) afirma que os sistemas de representação são uma construção social do significado que fazemos das coisas, para nós mesmos, recebendo, portanto, influência da cultura.

O conceito de representações sociais ainda está em mutação, mas, conforme Vera França (2004, p. 1), as representações “podem ser tomadas como sinônimo de

---

signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade”. A autora retoma a fala de Hall e afirma que “as representações sociais estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade - elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 6) sendo capazes de institucionalizar práticas sociais.

O processo de transformação das protagonistas femininas da Disney, dessa forma, é parte de um sistema retroalimentador, no qual o questionamento a respeito da figura da mulher é absorvido pela indústria do entretenimento a partir da sociedade ao mesmo tempo em que a própria indústria é agente influenciador desse meio. Daí a importância de estudar esse fenômeno. Segundo Denise Jodelet, as representações são importantes, pois “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles” (JODELET, 2001, p. 17).

Moscovici afirma que nenhuma mente está imune à subordinação imposta pelas representações, cultura ou pela linguagem. “Por pensarmos justamente através da linguagem, e nos organizarmos a partir dela” (MOSCOVICI, 2011, p. 35), estamos sujeitos o tempo todo a informações distorcidas pelo filtro da cultura e da própria linguagem. Sendo assim, como as representações conseguem exercer influência? As representações sociais transformam o não-familiar em familiar a partir da ancoragem: “um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.” (MOSCOVICI, 2011, p.61)

As produções da Disney, portanto, assumem grande importância, pois, de acordo com Jacqueline Sobral e Beatriz Beraldo (2015, p. 140), “as histórias infantis, comercializadas pela Disney, servem como processos de ancoragem da identidade feminina de crianças em todo o mundo.” O foco desse trabalho de pesquisa é justamente analisar a ancoragem das representações em um meio entre a correspondência a um contexto histórico passado, e a leitura do atual.

O senso comum, para Moscovici (2011), está a todo momento sendo “criado e recriado” e pode se tornar ideologia dominante através da mídia. As representações de estereótipos de beleza e comportamentais, portanto:

[...] passam dissimuladamente pelos receptores, os quais não veem necessidade de questioná-las, uma vez que elas se apoiam no senso comum. Além disso, são assimilados e aceitos pela pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária. Existe uma naturalização de fenômenos, ou seja, tomá-los como algo que “já existe e sempre existiu”, alegando que não podem ser refletidas nem modificadas. (CRUZ, 2008, p. 153)

Apesar disso, mesmo tendo condições de “provocar” o senso comum, instituindo comportamentos padrões, para Everardo Rocha (2001, p. 18), “mídia só tem sentido na audiência, ser compreendida é condição de sustento”. Sendo assim, não é coerente que ela siga um modelo de representação “unilateral”, que não tem relação com a sociedade vigente. Os produtos do entretenimento simplesmente adequam suas narrativas e conteúdos em um “código comum” entre discurso e audiência. “Cada produção da mídia é uma relação que se estabelece e se fixa com os pensamentos e práticas dos respectivos mercados consumidores” (ROCHA, 2001, p. 18). Se as protagonistas dos filmes de princesa da Disney estão sendo retratadas de forma mais independente e forte, isso é resultado das mudanças no contexto e do público, que como já comentado, boa parte dele não se vê mais representado por características tradicionais.

### **As diferentes princesas**

Foi dito acima, que as representações sociais exteriorizam a sociedade e que a indústria do entretenimento, por interesse mercadológico, assume um discurso integrado ao seu público alvo, ao invés de meramente dominante e opositor. Dessa forma, este tópico se destina a transitar pelas protagonistas dos Estúdios Disney e Pixar<sup>6</sup> estudando suas narrativas, características principais e contextualização histórica. E para dar início ao estudo foi adotada a mesma categorização utilizada pelas pesquisadoras linguistas da *North California State University* Carmen Fought e Karen Eisenhauer. Ao desenvolverem uma análise sobre a participação feminina nos filmes de princesa dos estúdios Disney e Pixar as autoras separaram os filmes em três divisões: “clássica”, que

---

<sup>6</sup> A Walt Disney Company, detentora dos Estúdios Disney, comprou, em 2006, os Estúdios Pixar. Disponível em: <<https://www.pixar.com/our-story-1#our-story-main>> Acesso em 14 de abr. 2017.

---

inclui os filmes entre 1937 e 1959; “renascentista”, de 1989 a 1998, e “nova era”, de 2009 em diante<sup>7</sup>, conforme indica a matéria do Jornal Folha de São Paulo de 2016.

O primeiro grupo é formado pelas princesas clássicas Branca de Neve, Cinderela e Aurora que, apesar de terem suas narrativas independentes apresentam muitas semelhanças. Nelas, atributos como docilidade, gentileza e, principalmente, beleza são acentuados. Aurora ganha beleza como presente mágico de uma de suas fadas madrinhãs e Cinderela e Branca de Neve são “tão bonitas” que despertam inveja e crueldade em suas madrastas, criando a ideia de que as mulheres sempre veem suas semelhantes como concorrentes. Sobral e Beraldo (2015) observam o fato de que todos os vínculos construídos entre as princesas raramente são entre mulheres:

Merece destaque o fato de que nos clássicos de princesa da Disney como Branca de Neve, Cinderela, A Pequena Sereia, A Bela e a Fera e Aladdin não existe a figura da mãe (somente, em alguns casos, da “madrasta má”) e nem tampouco é construída uma relação de amizade entre duas mulheres. [...] Observa-se, por exemplo, que todos os vínculos de afeto nos filmes citados são compostos de elos entre a mulher e outros seres que não são identificados no gênero feminino como a Branca de Neve e os sete anões; a Cinderela e os ratos do castelo [...] (SOBRAL; BERALDO, 2015, p. 144-145)

A beleza, portanto, assume o caráter de algo que abre portas, adquirindo noção de vantagem sobre as outras mulheres, assim torna mais fácil ser amada e conquistar o amor do homem, fim que deve ser desejado pelas meninas. O exemplo das protagonistas princesas faz com que “ser belo” seja associado à bondade, ao correto e à juventude, enquanto que o “feio” é correlacionado ao envelhecimento e ao mal. De acordo com Simone Beauvoir, “é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem, se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune” (BEAUVOIR, 1967, p. 33).

Outra particularidade dessas primeiras narrativas é a apatia das protagonistas frente aos seus próprios dilemas. Elas não confrontam as injustiças que vivem e contam sempre com a iniciativa de outros integrantes da história. É o caçador que permite a fuga de Branca de Neve que recebe auxílio posterior dos anões; são os ratinhos e a fada madrinhã que ajudam Cinderela a comparecer ao baile e são também as fadas e o

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1734943-objetivo-de-princesas-da-disney-nao-e-mais-o-casamento-revela-estudo.shtml> > Acesso em 14 de abr. 2017.

---

príncipe que lutam por Aurora enquanto ela “espera” em seu sono profundo. Para Beauvoir esse é o comportamento que se espera das mulheres, que elas tenham “paciência e esperança”. Em sua fala:

A mulher é a Bela Adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; [...]; ela acha-se encerrada em uma torre, [...], cativa, adormecida: ela espera. [...] Os refrãos populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. (BEAUVOIR, 1967, p. 33)

Wurfel (2001) concorda com Beauvoir, para a autora as princesas da Disney seguem o estereótipo da mulher “boa, bonita, passiva, virginal, comatosa, branca e/ou abnegada e sofredora” à espera de um príncipe encantado. No entanto, Langer (2004,) lembra que as produções são recortes de uma realidade histórica e que por isso, devem ser interpretadas dentro desse contexto, como mencionado anteriormente. Ao citar Ronaldo Cardoso, Langer afirma que “a imagem visual [...] é um texto-ocorrência em que a iconocidade tem a natureza de uma conotação veridictória (um juízo) culturalmente determinada” (LANGER, 2004, p. 2).

Conforme continua o autor, as narrativas são estruturadas pela cultura. Por isso, um filme (2004, p. 3) deve ser analisado relacionando “realidade social” à direção, produção, público, regime político, etc.

Naomi Wolf (1992) acrescenta a Langer que o mito da beleza, o único obstáculo que a mulher ainda enfrenta para ter a igualdade, também não está dissociado do contexto histórico e “não tem absolutamente nada a ver com as mulheres” (p.16-17). Segundo a autora, o mito da beleza “diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens” (WOLF, 1992, p.17) que julgam as características que serão consideradas, dentro daquele período, apropriadas e desejáveis nas mulheres, moldando especialmente seu comportamento.

Contudo, ainda que essas obras clássicas apresentem um panorama pessimista, as personagens seguintes tiveram significativas mudanças, como revela a pesquisa de Carmen Fought e Karen Eisenhauer citada anteriormente. O estudo concentrou-se em observar a quantidade de falas entre as personagens, os elogios recebidos pelas heroínas e as diferenças de gênero retratadas nos filmes ao longo dos anos.

---

Todos os filmes de princesa da Disney, até o dado momento da pesquisa, foram analisados pelas pesquisadoras: Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), A Pequena Sereia (1989), A Bela e a Fera (1991), Aladdin (1992), Pocahontas (1995), Mulan (1998), A Princesa e o Sapo (2009), Enrolados (2010), Valente (2012) e Frozen (2013).

Na contagem de figuras masculinas e femininas todos os filmes pesquisados apresentaram mais personagens homens do que mulheres, com exceção de Cinderela, cujo número entre homens e mulheres é igual (sete homens e sete mulheres).

O número de falas também foi calculado. Na era “clássica”, explica a pesquisa, o número de falas femininas estava subindo. Enquanto as mulheres detêm 50% da fala em A Branca de Neve, a fala feminina em A Bela Adormecida corresponde a 71%. Fator que mudou de maneira expressiva na era “renascentista”. Todas as personagens do gênero feminino têm menos falas que os homens entre 1989 e 1998. Aladdin, o único protagonizado por um homem, leva o recorde com 90% das falas ditas por homens.

Na “nova era” os números começam a ficar mais próximos e as diferenças começam a suavizar. Enrolados, de 2010, é composto por mais falas femininas do que masculinas opondo 49% a 51%. Valente, é o filme mais expressivo nesse contexto, são 74% falas de mulheres contra 26% falas de homens.

Grande parte das diferenças entre as falas, se dá, como explica Carmem, pelo fato de que internamente os escritores pensam automaticamente, “de maneira inconsciente”, em personagens homens quando pretendem acrescentar mais diálogos na história. “Nos filmes analisados, quase todos os papéis além da protagonista vão automaticamente para homens”.

As pesquisadoras também estudaram os elogios feitos às protagonistas e perceberam que há uma diminuição dos elogios feitos à aparência e um crescimento da exaltação feita às habilidades das princesas. Na era “clássica” os elogios à beleza feminina correspondem a 55%, na “nova era” são somente 22%.

Apesar de evidenciar certo desequilíbrio entre as personagens masculina e feminina nos filmes, a pesquisa parece ter um tom otimista, comprovando que, sim, as figuras da mulher estão assumindo novas formas e ganhando cada vez mais espaço.



---

## **A pesquisa**

Como estudo empírico para análise do fenômeno, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com discussão em grupo, a fim de verificar as subjetividades dos discursos das entrevistadas, criados coletivamente, além de observar seus comportamentos. Serão apontados aqui alguns detalhes e resultados da pesquisa.

Foram formados dois grupos com meninas entre 14 e 17 anos, moradoras do Rio de Janeiro e estudantes do ensino médio. O primeiro grupo foi composto por 4 (quatro) meninas sem contato próximo com o movimento feminista. Elas não se mostram contrárias ao movimento, somente não são atuantes. O segundo grupo foi integrado por 3 (três) meninas ativistas que, além de se autodeclararem como feministas, ainda se manifestam por meio de ações na escola ou por demonstrações em suas redes sociais.

O roteiro de perguntas foi utilizado para os dois grupos de discussão e dividido em três partes. A primeira se referia ao comportamento que as entrevistadas tinham na infância e sua relação, nesse período, com as personagens e produtos licenciados, como fantasias e bonecas. A segunda parte envolvia as princesas, sua imagem e comportamento. Buscou-se entender quais as princesas eram mais significativas e menos significativas para cada uma delas e quais características justificavam suas opiniões. Além disso, nessa etapa eram abordadas as questões sobre estereótipos. A terceira etapa concentrava-se em repensar as protagonistas, propondo modificações.

### **Grupo 1**

Todas as meninas foram unânimes em afirmar que os filmes da Disney e Pixar marcaram forte presença em sua infância. A Entrevistada 2 disse que sempre se imaginava no lugar das princesas e adorava ver os filmes repetidas vezes, enquanto que a Entrevistada 3 comentou que por mais que não gostasse tanto, ela via os filmes por serem quase “obrigatórios”, afinal, de acordo com ela, todas as crianças assistem às animações da Disney. As princesas estiveram presentes durante o crescimento das entrevistadas em diferentes formas, como bonecas, fantasias, temas de festas de aniversário e jogos eletrônicos, sendo sempre associadas a uma diversão típica e exclusiva do gênero feminino, uma vez que os irmãos não eram incentivados a apreciar as mesmas brincadeiras.

Definidos esses pontos referentes à memória infantil, o debate encaminhou-se

para a segunda parte, relacionada às personagens mais importantes e suas construções estéticas e comportamentais. Bela, de *A Bela e a Fera* (1991); Jasmine, de *Aladdin* (1992); Pocahontas (1995), Ariel, de *A pequena Sereia* (1989); Merida, de *Valente* (2012) e Tiana, de *A Princesa e o Sapo* (2009) foram apontadas pelas Entrevistadas 2, 3 e 4 como favoritas. A Entrevistada 1 disse gostar de todas as princesas, sem conseguir eleger uma em especial.

Assim, a maioria manifestou preferência por personagens que não se enquadram na categoria clássica. O gosto de Bela pela literatura, aliado à sua coragem de enfrentar a Fera para salvar seu pai; a determinação de Jasmine em se libertar do palácio e de matrimônios arranjados; o espírito livre de Pocahontas, a curiosidade de Ariel em descobrir um novo mundo, a rebeldia de Merida frente às tradições de sua família e a garra de Tiana ao perseguir e alcançar sua ascendência foram características relatadas como atrativas. A quebra de um *status quo* que envolve essas protagonistas se torna um referencial, principalmente quando comparadas às princesas menos favoritas.

A Entrevistada 1, por gostar de todas, disse não ter uma protagonista de menor preferência mesmo que conheça pouco da história de Mulan, filme que menos assistiu. A Entrevistada 3 também não indicou uma personagem de menor estima. Branca de Neve e Aurora foram os nomes citados pelas Entrevistadas 2 e 4, respectivamente, que frisaram a dependência dessas princesas aos outros agentes dos filmes. “Ela [Branca de Neve] depende muito dos anões, do príncipe e não mostra uma coragem própria. Ela só come a maçã e desmaia.” (ENTREVISTADA 2, 2017).

Essa dependência, associada pelas participantes à ingenuidade exagerada, liderou as diferenças entre as personagens antigas e recentes, mas dividiu espaço com a padronização dos desenhos que compõe um estereótipo de beleza atrelado ao corpo magro, esbelto, de cor branca, adereçado por cabelos lisos e sempre em oposição às vilãs que ora são representadas feias, ora mais velhas. Conforme conta a Entrevistada 4: “Sempre colocam as vilãs com uma imagem como se fosse inferior. As princesas são lindas e perfeitas e as inimigas são gordas, mal vestidas e mais velhas, como se estas fossem características a serem desprezadas.” (ENTREVISTADA 4, 2017). E acrescenta outra participante: “Se for para colocar uma vilã, que elas estejam no mesmo lugar, que só mude a personalidade.” (ENTREVISTADA 2, 2017).

A ausência de imperfeições e variações estéticas foi, aos poucos, dando forma às

releituras das personagens menos favoritas do primeiro grupo. A índia Pocahontas, a princesa negra Tiana, Merida com seus cabelos revoltos e a aventureira polinésia Moana foram consideradas bons exemplos de mudança na aparência das protagonistas que, de acordo as entrevistadas, sempre deveriam ganhar corpos de silhuetas diferentes, tons de peles diversificados, tatuagens e cabelos coloridos. Os vestidos e sapatinhos de cristal dariam lugar ao tênis, ao jeans ou, segundo a Entrevistada 1, uma roupa de super-heroína.

No entanto, nenhuma modificação foi apresentada como tão essencial quanto a autonomia das princesas. A palavra “independência” estava frequente nas falas das quatro participantes. “Sempre nos filmes antigos havia alguém protegendo elas [as princesas], acho muito errado, como se elas não pudessem combater o perigo sozinhas. Eu faria princesas sem alguém para defendê-las. Elas fariam sozinhas.” (ENTREVISTADA 4, 2017).

## **Grupo 2**

Assim como o primeiro grupo, todas as entrevistadas afirmaram recordar de grande interação com as princesas Disney na infância, sobretudo sobre fantasias, pois elas costumavam se imaginar como as personagens. Acrescentaram ainda que gostavam mais dos filmes quando crianças e que, com seu crescimento, esse gosto foi suavizando gradativamente.

Ao serem questionadas sobre as personagens favoritas, todas foram consoantes em reconhecer que as princesas consideradas preferidas por elas hoje, são diferentes das consideradas preferidas quando mais novas.

As Entrevistadas 5 e 6 afirmaram que Branca de Neve e Cinderela eram as preferidas. Além dos vestidos suntuosos que despertavam a atenção do “eu-criança” de cada uma, elas explicam que o fato dessas princesas serem clássicas, mais famosas e apresentadas a elas primeiro, contribuiu para a escolha. “Como somos apresentadas primeiro à Branca de Neve, é a que nossos pais contam, a mais famosa talvez, então quem sabe todo mundo não tem uma primeira quedinha por ela?” (ENTREVISTADA 6, 2017).

Branca de Neve e Cinderela reinaram como prediletas até a chegada de Mulan. “Agora prefiro a Mulan [...] é o que ela representa de caráter. Uma mulher forte, com

---

uma história incrível, uma mulher que tem muito poder.” (ENTREVISTADA 5, 2017).

A personalidade guerreira de Mulan e seu impulso de liderança e perseverança fizeram com que a personagem se destacasse perante as outras princesas. Ela luta pela China e pela família ao lado dos coadjuvantes sem indicar uma postura passiva ante o conflito. A Entrevistada 7 optou pela Branca de Neve mesmo reconhecendo seus estereótipos. Para ela, por mais que heroína seja retratada indefesa e inofensiva, a história é complexa e o Príncipe tem pouco tempo em tela o que beneficiou o foco na princesa.

Em relação às protagonistas menos favoritas, a Entrevistada 7 disse não ter nenhuma, enquanto as outras duas selecionaram justamente as personagens clássicas que mais gostavam na infância. A visão que elas têm dessas protagonistas hoje, é a de serem muito parecidas entre si e isso não se atém ao desenho. As princesas clássicas, para as Entrevistadas 5 e 6, são pouco afetivas, não falam de sentimentos e o romance construído com seu pares românticos não envolve diálogos, os príncipes mal falam com as princesas. A oposição entre vilã mais velha e mocinha novinha também foi outro ponto questionado não só por promover malefícios ao ato de envelhecer como também por desestimular relações entre mulheres de diferentes idades. Elas apontam que, se recriassem as personagens, as fariam mais emotivas e maduras com narrativas que priorizassem amizades no lugar do par romântico, outro ponto crucial de mudança.

A prevalência e insistência no romance incomodam as três integrantes do segundo grupo que consideram o final feliz de casamentos como desviante do foco das histórias, que deveria ser as princesas e suas lutas. Para elas, esse amor parece muitas vezes forçado e pouco natural.

A mudança seguinte seria o formato físico das protagonistas com variações de peso, altura e cor de pele, assim como o primeiro grupo. Tiana, a primeira princesa negra dos filmes da Disney, é bem recebida pelas entrevistadas apesar de perpetuar o padrão de que as mulheres negras sempre serão vindas de camadas mais baixas e, para ascender, precisam casar com um homem rico (ENTREVISTADA 6, 2017).

### **Os novos desenhos**

Com base nas discussões em grupo e nas modificações sugeridas pelas entrevistadas, foram elaborados novos desenhos (Imagem 1) para as princesas clássicas,

consideradas mais estereotipadas. Assim, as personagens ganharam novos contornos na tentativa de exemplificar, em traços simples, a diversidade, palavra que foi, muitas vezes, repetida.

Por mais que a maior mudança, segundo as participantes, seja relacionada à narrativa dos filmes, tornando as protagonistas mais atuantes, fortes e desassociadas ao par romântico, ou pelo menos, à busca obrigatória dele, procura-se com as novas ilustrações, renovar as características físicas das personagens adequando-as à visão de mundo e opiniões das entrevistadas.

As personagens alteradas foram Branca de Neve, Cinderela, Aurora e Ariel adjetivadas como extremamente dóceis, inocentes e pouco afetivas. Na estrutura das peças foram usadas partes das personagens originais, principalmente os rostos (olhos, narizes e bocas), para manter a identidade e gerar reconhecimento, resultando em um trabalho de adaptação das ilustrações da Disney às alterações sugeridas.

Assim, as princesas ganharam roupas atuais, abandonando o uso de tiaras e vestidos. Também receberam corpos novos com diferenças de estatura, volume e detalhes como tatuagens e *piercings*. Por último, os longos cabelos lisos foram modificados para modelos curtos ou tingidos.

Imagem 1 – Os novos desenhos.  
Branca de Neve, Cinderela, Aurora e Ariel.



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora as diferenças tenham sido notáveis, a diversidade racial, comentada por elas durante as discussões, não foi absorvida em suas releituras com a justificativa de

que todas as personagens clássicas são personagens brancas. E ao fim, os novos desenhos trazem características diferenciadas em alguns traços gerais de aparência, mas mantêm outros aspectos, como a diversidade racial, considerados substanciais para uma verdadeira reformulação na representatividade.

### **Considerações finais**

O estudo teórico das representações sociais dimensionou esse universo, afirmando que a mídia é capaz de influenciar as pessoas instaurando senso-comuns e nos fazendo familiarizar com padrões, hábitos, e conceitos (MOSCOVICI, 2011). Apesar disso, os meios de comunicação, por serem uma indústria, não produzem e reproduzem concepções sem considerar as opiniões de seus mercados consumidores (ROCHA, 2001) e, assim, estabelece-se que as diferentes princesas correspondem a díspares épocas e se relacionam com sociedades heterogêneas dentro de sua própria linha do tempo, não podendo ser desvinculadas desses fatores.

As discussões realizadas com os dois grupos mostram que, primeiramente, as personagens Disney ainda exercem muita influência e presença no imaginário infantil. Todas as meninas conheciam as princesas, por mais que não tenham assistido a todos os filmes, e comentaram a importância que os responsáveis tiveram nessa relação, pois foram eles os agentes da aproximação entre elas e o universo Disney.

Os grupos apresentaram respostas semelhantes e concordam que foi a partir de seu amadurecimento que novas reflexões a respeito do papel da mulher e da representação dessas personagens começaram a surgir. O segundo grupo, inclusive, percebe que as personagens clássicas são fruto de uma construção social que hoje não se sustenta mais. Ao mesmo tempo em que criticavam as histórias, as entrevistadas reconheciam que a criação de cada uma delas correspondia a um período histórico que, mesmo considerado retrógrado hoje em dia, não pode ser ignorado.

Por fim, os desenhos elaborados com base nas sugestões dos grupos entrevistados evidenciam a complexidade desta época, revelando discursos perpassados por reflexões e contestações de padrões estabelecidos culturalmente e reproduzidos pelo sistema midiático e, ao mesmo tempo, a influência dessas mesmas representações, na medida em que trazem aspectos diferenciados dos seus modelos originais em suas releituras, mas não se apresentam substancialmente modificados.

---

## Referências

- BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã, Edições Pulsar, 2001
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CRUZ, Sabrina U. da. **A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja**. Revista Travessias, Paraná, v.2, n.3, 2008.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro e FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain (Orgs.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Ed. PUC; Aparecida/SP, Ideias & Letras, 2004.
- HALL, Stuart. **The Work Of Representation**, Representation. Cultural Representations Signifying Practices. Londres: Sage Publications, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- LANGER, Johnni. **Metodologia para análises de estereótipos em filmes históricos**. Revista História Hoje, São Paulo, n.5, 2004.
- MOREIRA, Maria Clara. **Objetivo de princesas da Disney não é mais o casamento, revela estudo**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 de fev. de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1734943-objetivo-de-princesas-da-disney-nao-e-mais-o-casamento-revela-estudo.shtml>> Acesso em 14 abr. 2017.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais. Investigações em psicologia social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- ROCHA, Everardo. **A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários**. ALCEU, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 15-39, 2001.
- RODRIGUES, Luciana Varga. **A representação da mulher na imprensa feminina**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVIII, 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro, UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0992-1.pdf>> Acesso em 14 abr. 2017.
- SOBRAL, Jacqueline, BERALDO, Beatriz. **Princesa congelada? Uma leitura feminista de Frozen uma aventura congelante**. Vozes e Diálogo, Itajaí, v.14, n.2, jul./dez, 2015.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- WURFEL, Marlene. **O verdadeiro amor de Walt Disney**. Continente Multicultural, dez, p.10-15, 2001.